

AIDS

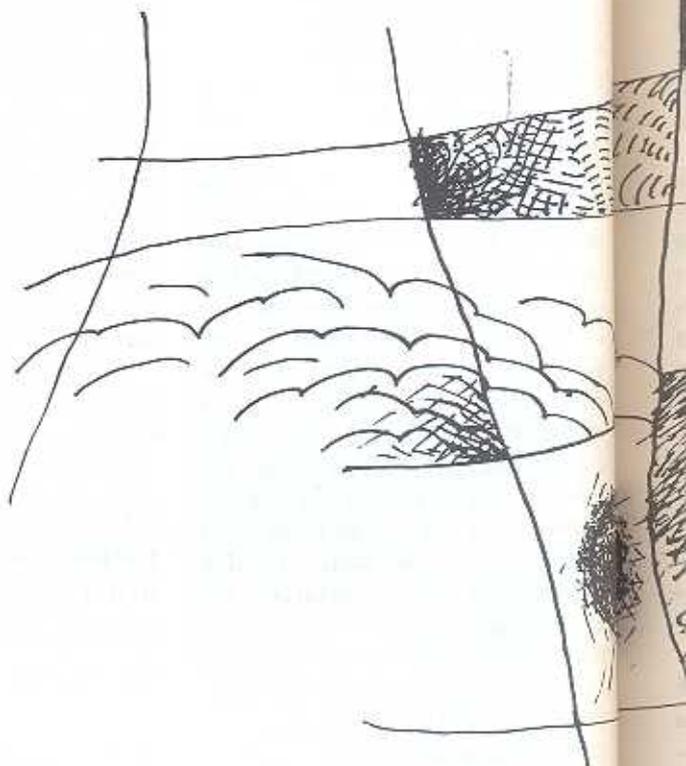
Pediram-me para falar sobre a Aids na linguagem da poesia. Parece coisa difícil, mas não é. Basta saber olhar para as coisas. A gente olha, espera e, de repente, a coisa fica transparente. Começamos a ver coisas que não estão lá. O meu amigo artista olhou para a bosta de vaca e viu um leve móbile de círculos dourados luminosos. Neruda olhou para uma cebola comum e seus olhos viram escamas de cristal numa rosa de água... A esse exercício se dá o nome de sonhar. A fala poética é a linguagem dos sonhos.

Eu disse a palavra terrível, e o que vi foram olhos amedrontados fitos num "horizonte aproximado e sem recurso"... Pensei então que falar sobre Aids é falar sobre o terror da morte que se aproxima. Mas logo o meu sonho se alterou e vi outros olhos nos quais o mesmo horizonte aparecia. Mas ele tinha a beleza do crepúsculo. Pensei então que a morte, terrível sempre, pode ser bela.

Um amigo que tive, Alexander Schmemann, teólogo poeta, descobriu que no seu cérebro havia um tumor inoperável. Compreendeu que a hora do adeus se aproximava. Disse então à sua mulher: "Chegou o momento de celebrar as liturgias do crepúsculo". E a partir desse momento, até o fim, entregou-se às coisas que julgava essenciais: a música, a poesia, a contemplação da natureza, a tranqüila conversa com os poucos amigos que convidava para um copo de vinho.

Um outro conhecido, sabedor de que a leucemia lhe dava apenas um ano de vida, e que não era mais o tempo dos adiamentos, comprou o sítio com que sempre sonhara, e viveu com sua mulher um amor como nunca amara.

Milan Kundera diz que começamos a amar uma mulher no momento em que associamos o seu rosto a uma metáfora poética. A mesma coisa se pode fazer com a morte. E este é o sentido de todas as palavras sagradas da religião: um enorme esforço para revestir o terrível com a beleza da poesia. E aquele que vai morrer aparece então com a beleza do navegante solitário que entra com seu pequeno barco no mar absoluto. Ou como o caminhante que vai sozinho pelos caminhos

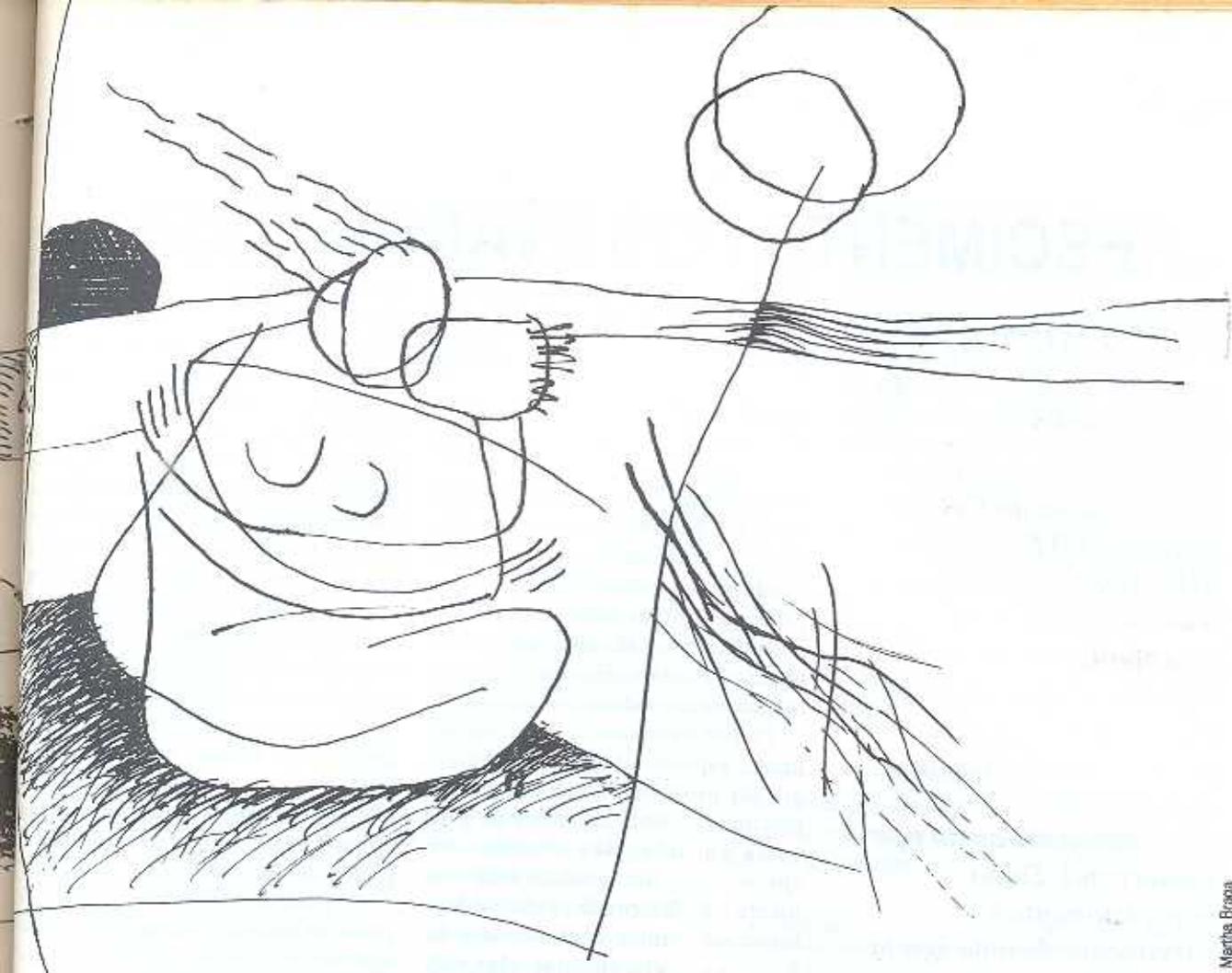


que levam ao alto da montanha coberta de brumas. Ou como aquele que deixa as trilhas luminosas onde todos andam e atende ao convite do mistério nos bosques escuros.

A morte tem dois lados. Um é a sua realidade física. E nisto todas elas se parecem. O outro são as palavras que dizemos uns aos outros, diante dela. É aqui que se encontra a diferença.

A Aids faz as pessoas falarem em sussurros — como se estivessem diante do terrível vergonhoso. Por mais longos e divergentes que sejam os seus caminhos, todos conhecem a sua filiação: nasceu de dois amantes abraçados, num abraço de amor amaldiçoado e proibido. Lugar de segredo, deveria ter permanecido fechado, como um quarto proibido. Todos temos um quarto secreto, onde ninguém deve entrar: mora ali a nossa intimidade mais profunda, que nenhum olhar deve contemplar. Por isso nos cobrimos de roupas, para proteger a nossa nudez dos olhos cruéis dos estranhos.

Mas a doença arromba a porta e transforma a intimidade numa sala de museu, aberta à visitação pública. E quando isso



Maria Braga

acontece, aquilo que foi vivido como paixão se transforma em pornografia. A pornografia não está no abraço, mas nos muitos olhos que o contemplam, como espetáculo.

A Aids tem, assim, duas dores: a dor da enfermidade e a dor dos olhos dos outros. A sua morte, então, se cobre com as palavras de vergonha, palavras mal-ditas, que devem ser ditas num sussurro. E até mesmo os religiosos a chamam de punição divina pelo amor amaldiçoado...

Depois, é a dor da solidão. Nascida da intimidade do amor proibido, a sua revelação torna proibida qualquer intimidade, o doente de Aids vive isolado numa bolha de assepsia hospitalar. Não para sua proteção. Ele não precisa ser protegido. São os outros que devem ser protegidos contra o seu amor, pois o seu amor é mortal. E ao redor do seu corpo, silenciosamente, vão se enrolando os fios, teias, um poema terrível que se transforma em jaula, e que diz: "Abandonai toda esperança de amor, vós que aqui estais...". Qualquer proximidade, qualquer contato, qualquer carinho, qualquer abraço estão para sempre proibidos.

Por vezes me vem a idéia louca de que todos estamos contaminados pela Aids. Pois no corpo de todos nós a morte faz também silenciosamente o seu trabalho. Os exames de sangue nada revelam, mas o espelho diz a verdade...

O que nos diferencia não é que alguns sejam sadios e outros enfermos. Estamos todos infectados com a mesma doença. Por isso somos todos irmãos. A diferença está nos poemas que recitamos diante do horizonte que se aproxima. E é com estas palavras que a vida trava a sua batalha contra a morte. Pois o corpo, como diz o texto sagrado, não se alimenta só com o pão — e remédios —, mas com toda palavra que sai da boca de Deus. A linguagem de Deus é a poesia. É a beleza que faz acordar em nós o desejo de viver.

Quem sabe haverá poetas que saberão dizer aos doentes de Aids as palavras que os arrancarão dos túmulos onde os nossos olhos os colocaram. E então até os outros se alimentarão da mesma comida...